

Estouro é maior que da bolha da internet

Em 2001, o mundo cresceu 2,2%, após o estouro da bolha de tecnologia. Os países emergentes experimentaram, em seu conjunto, uma expansão de 3,8%, já embaladas pelos resultados de China e países do leste europeu. Os Estados Unidos, contudo, cresceram apenas 0,8% e o Brasil, a reboque do "resfriado" americano e do racionamento energético, 1,3%. Mas em 2001, a bolha ficou restrita aos setores ligados à internet. Dessa vez, todo o sistema financeiro ficou comprometido. Assim, para 2009, o cenário também é diferente. Segundo as estimativas do FMI, os países emergentes crescerão, em média, 6,1% enquanto os países desenvolvidos terão uma taxa de apenas 0,5%. Os Estados Unidos, dessa vez, deverão registrar expansão de 0,1% e a queda de produto será verificada em grande parte da Europa ocidental.

A tese do descolamento existe, mas não significa que Brasil e China vão ignorar a crise. Apenas o seu grau de contágio será menor, o que significa que vão desacelerar menos do que em 1991 ou 2001. O Brasil, por exemplo, crescerá entre 3% e 3,5% em 2009. E, por isso, não acredito que o mundo vá afundar em uma recessão. Isso porque há hoje outros motores para o crescimento da economia global, os BRICs – prevê o economista chefe do banco europeu WestLB no Brasil, Roberto Padovani.

Descolamento

A própria Vale do Rio Doce sugere esse descolamento na avaliação sobre os negócios: "O crescimento das economias desenvolvidas deverá continuar fraco durante o restante de 2008 e o primeiro semestre de 2009. A retomada das atividades na construção residencial e preços mais estáveis do petróleo podem ajudar a criar as bases para a recuperação da economia americana no 2º semestre de 2009. (...) Projetamos desaceleração também das economias emergentes, com expansão abaixo da média durante o 2º semestre de 2008 e início de 2009, antes de se reacelerar ao longo do próximo ano. No entanto, esperamos que o ritmo de crescimento dessas economias fique bem acima da taxa observada na recessão global de 2001, aumentando o hiato de crescimento em relação às economias desenvolvidas".

O grau de contágio sobre a economia real dos países em desenvolvimento ainda é incerto para muitos economistas. Em artigo recente publicado no Brasil, o diretor-executivo no FMI, Paulo Nogueira Batista Jr., que representa os interesses do Brasil e de outros oito países no fundo, diz, todavia, que ainda é "cedo para cantar vitória". Como explica, os estragos no sistema financeiro desde setembro poderão exigir medidas adicionais de ajuda dos governos. "A economia real já começou a ser fortemente afetada pela 'débâcle' financeira. A maioria dos indicadores está apontando para baixo. A presidente da Reserva Federal de San Francisco, Janet Yellen, observou que praticamente todos os principais setores da economia dos EUA foram atingidos pelo choque financeiro e previu que o PIB sofrerá uma contração no último trimestre do ano. A União Européia e o Japão também correm o risco de recessão".

Nogueira lembra que uma desaceleração acentuada nas principais economias pode provocar um "apodrecimento adicional da carteira das instituições financeiras, realimentando a fragilidade dos bancos e de outros intermediários". Assim, podem haver novas turbulências no Brasil, principalmente na taxa de câmbio.

Incerteza

Até mesmo o ex-presidente do Federal Reserve (FED, banco central dos EUA), Alan Greenspan que saiu do silêncio que vinha mantendo desde o início da crise no último dia 23 – prevê que levará "meses, talvez anos, para que se saiba se essas depreciações de ativos representam com exatidão os prejuízos reais dos bancos. Apenas essa incerteza implica que o ponto final para essa crise está muito distante".

Mesmo assim, segundo Tomás Málaga, do Itaú, os números de inflação no Brasil ainda estão altos e "não há evidências de que as vendas estejam mostrando desaceleração", o que indica certa resiliência da economia real brasileira ao contágio financeiro. Mas, segundo estima, a

concessão de crédito está desacelerando e esse esfriamento vai se ajudar a ajustar a demanda doméstica.

Os consumidores podem optar por adiar despesas e uma expectativa mais pessimista da economia ajuda a reduzir a velocidade do crescimento. Mas queda mesmo nas vendas, só no primeiro trimestre de 2009 – afirma Málaga.

Rogério Studart, diretor-executivo do Brasil, Colômbia, Equador, Filipinas, Haiti, Panamá, República Dominicana, Suriname e Trinidad Tobago no Banco Mundial, explica porque existe essa diferença.

Nos EUA, os empréstimos de casas, carros e até as dívidas de cartões de crédito são securitizados, os bancos não fazem o financiamento direto ao cliente. Eles emprestam e revendem isso em pacotes no mercado financeiro. As dívidas, portanto, não ficam nos balanços dos bancos. Se o mercado seca, o investimento também seca. E a fonte de financiamento para casas e automóveis tende a diminuir. O setor real depende de crédito e, como ele foi secando, o mercado começa a desaparecer – afirma. – No Brasil, é diferente. Os bancos financiam diretamente e as instituições dependem menos da bolsa de valores do que nos EUA.

Para ele, onda chegará a qualquer país, tendo em vista o tsunami financeiro, mas em menor grau para economias como a do Brasil.

Fonte: Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 27 out. 2008, Primeiro Caderno, p. A-5.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins de pesquisa.